



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO
LATO SENSU
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA – PCL**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA
PSICANALÍTICA
2011-2013**

Coordenadora: Profa. Dra. Terezinha de Camargo Viana

Apresentado por: Marina Sales Rodrigues da Silva

Orientado por: Profa. Dra. Daniela Scheinkman Chatelard

BRASÍLIA, 2013

**O medo do velho: um diálogo sobre a transitoriedade e o
medo da morte.**

Apresentado por: Marina Sales Rodrigues da Silva

Orientado por: Profa. Dra. Daniela Scheinkman Chatelard

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e minha irmã, por estarem ao meu lado neste e em tantos outros momentos importantes da minha vida e formação profissional.

A todos os meus familiares, que cada um, a sua maneira, contribuiu para a minha formação enquanto sujeito.

A todos os meus amigos, que me viram trilhar os primeiros passos em direção a este caminho e que fazem parte dele até hoje.

Aos meus professores, que dividiram comigo os ensinamentos da psicanálise e me fizeram amar ainda mais esta profissão.

A minha orientadora, por ter me dado um norte para melhor pensar este trabalho.

A todos vocês o meu sincero agradecimento. Obrigada por fazerem parte de mais esta conquista.

*Não seria melhor dar à morte o seu lugar na realidade
e em nossos pensamentos que lhe é devido,
e dar um pouco mais de proeminência
à atitude inconsciente para com a morte, que,
até agora, tão cuidadosamente suprimimos.*

Sigmund Freud

RESUMO

Referência: RODRIGUES, Marina. **O medo do velho: um diálogo sobre a transitoriedade e o medo da morte**. 2013. Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica – Universidade de Brasília. Brasília 2013.

O medo da morte e do envelhecimento acompanham a vida do sujeito desde os tempos mais remotos. Negamos a transitoriedade da vida e a existência real da morte e passamos a aboli-la, dando-lhe espaço somente na literatura, nas peças teatrais e nas demais manifestações artísticas, que não passam de “ficção”. Neste trabalho buscamos fazer um levantamento bibliográfico com enfoque Psicanalítico, sobre o tabu da morte e o medo do envelhecimento, para tentar compreender melhor tais fenômenos e possibilitar novos diálogos sobre estes temas que foram sendo deixados de lado nos tempos atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Morte, Transitoriedade, Envelhecimento, Psicanálise

ABSTRACT

Fear of death and growing old harass the individual since time immemorial. We deny the transitoriness of life and the real existence of death and tend to abolish it, recognizing it only in literature, in theatrical plays and artistic manifestations, which are merely "fiction". In this work, we seek to make a bibliographic survey with a psychoanalytic approach about the myth of death and the fear of growing old, attempting to better understand such phenomena, and offer new dialogues on these themes which are being left aside nowadays.

KEY- WORDS: Death, Transience, Aging, Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	01
2 Justificativa.....	02
3 Objetivos.....	03
4 Capítulo 1	
4.1 Morte: Vivenciando o tabu.....	04
5 Capítulo 2	
5.1 Luto: Rumo ao interdito.....	07
6 Capítulo 3	
6.1 O culto ao perfeito e a negação à finitude.....	10
7 Capítulo 4	
7.1 Sobre a morte: Onde é permitido falar.....	15
8 Conclusão.....	18
Referências Bibliográficas.....	21

INTRODUÇÃO

Não chega a ser verdadeiramente novidade a busca incessante pelo corpo perfeito, pelo rosto perfeito, pela vida perfeita e pelo adiamento do envelhecimento. Esta busca pela perfeição faz parte da história da sociedade. Freud utiliza-se de um mito grego para exemplificar uma de suas teorias, o mito de Narciso, ao abordar o tema do culto à própria imagem. Percebe-se que tanto na época do mito, quanto nos tempos de Freud, e também na atualidade, tratar-se de um tema latente na sociedade, que cultua a perfeição e busca ideais cada vez mais impossíveis e distantes, não raras vezes estimulados pelas ideologias atuais. Não se concebe a falta, muito menos a finitude, a morte e o luto, uma vez que não se aceita a morte, como se poderia nela pensar?

Vivemos nesta busca constante pelo prazer, o prazer da perfeição, da juventude constante, e porque não eterna. Sendo assim, sairíamos vitoriosos sobre a morte nesta “luta pela vida”. Ela que nos assombra, nos ronda e se faz presente mesmo com todo o esforço para negá-la e reprimi-la. E nesta nossa luta constante pela ausência de tensões e desprazeres, vivemos nossa “contradição”, pois negamos a morte, mas estamos inconscientemente sendo “regidos” pela pulsão de morte em nossas constantes repetições na vida. Esta questão foi nomeada por Freud em seu texto *“Além do Principio do Prazer”*.

Mas nós estamos vivos, e nesta, invariavelmente, está presente a morte, não somente como o marco final da vida. Vivenciamos a transitoriedade e a finitude constante de momentos, desejos e objetos de amor, ou seja, há um trabalho constante de lutos por todos esses objetos de amor que vamos conquistando durante a vida.

Porém, na atualidade, não há espaço para o período que o luto demanda, e que segundo o historiador Philippe Ariès em seu livro *“História da Morte no Ocidente. Da*

Idade Média aos Nossos Dias”, não foi sempre assim. Hoje é preciso estar sempre belo e feliz, se não for assim você está fora do padrão aceitável desta nova sociedade. É claro que estas demandas sociais e civilizatórias provocam um mal estar no sujeito (FREUD, 1930), que mesmo com todo o avanço científico para a “tamponação” de suas faltas; estas estão sempre presentes no sujeito, tanto inconscientes quanto conscientes.

Não nos permitimos mais ao tempo de luto, e muito menos a pensar ou se quer falar sobre a morte. Mas a morte não nos abandona, assim como nós não abandonamos por completo a morte, achamos um meio de falar e pensar sobre ela a partir da literatura, das peças teatrais, poemas e poesias, enfim: através das artes nos permitimos entrar em contato e vivenciar aquilo que para nós da atualidade virou um verdadeiro tabu.

No presente trabalho discorreremos, à luz da teoria psicanalítica, e com o auxílio de obras literárias, sobre estas questões que nos acompanham desdeos tempos mais remotos, e que permeiam o imaginário e a vida de todos nós, são elas: a morte, o luto, a transitoriedade; assim como o tabu, que acompanha cada uma delas.

Justificativa:

O desejo de estudar o mito que se construiu ao redor da morte e da transitoriedade já se faz presente há certo tempo. Estudos anteriormente realizados sobre a morte, o luto e a transitoriedade impulsionaram-me a seguir nesta linha de pesquisa.

O conhecido tabu que existe sobre estes temas faz com que fiquem “esquecidos”, inconscientemente ignorados, por isso, talvez, a dificuldade em achar trabalhos correlacionados.

Posto isso, e dando valor e importância ao meu desejo de debruçar-me sobre estes temas tão temidos e tão vivenciados por todos, propondo novas discussões e reflexões sobre os mesmos.

Objetivo Geral:

Discorrer, a partir das leituras de textos clássicos da psicanálise e da literatura sobre o tema da morte e transitoriedade, que fazem parte da vida do sujeito, mas que ele faz tudo para não lembrar ou entrar em contato.

Objetivos específicos:

- Dialogar sobre o mito que gira ao redor do tema “morte e a transitoriedade”, através de uma revisão bibliográfica dos temas descritos.
- Observar como este tema sempre esteve em voga não só nas discussões psicanalíticas, mas que por ser tratado como um tabu por muitos, acabou encontrando espaço para discussão no imaginário dos sujeitos.
- Proporcionar diálogos sobre estes temas que sempre fizeram e farão parte da vida do sujeito.

Morte: Vivenciando o tabu

“A vida só pensa em descansar o mais possível
enquanto espera a morte.
A vida só pensa em morrer.”
Lacan

Hoje a morte é vivenciada como um tabu, algo a ser renegado, esquecido, e para alguns, banida da vida humana. Mas é de conhecimento de todos que a morte faz parte da vida, e aqui farei uso da frase clichê que diz: “A morte é a única certeza, só não temos certeza de quando”. Pois bem, é nossa única certeza, mas é a certeza que menos queríamos ter. Freud nos relembra que mesmo para os homens primitivos a própria morte era tão inimaginável quanto para nós (1915), e talvez por isso nossos esforços para os avanços a passos largos da ciência em novos estudos, novas técnicas e novas fórmulas para a imortalidade.

Porém, a morte nem sempre foi vista como tabu. Em um passado não tão distante, acreditava-se importante não só a passagem por este fato da vida, mas também o ato de acompanhar o outro que fatalmente – com perdão do trocadilho- entrava em contato com a morte antes que ele.

Segundo Philippe Ariès, “o homem foi, durante milênios, o senhor soberano de sua morte e das circunstâncias da mesma. Hoje deixou de sê-lo.” (1977, p. 137). O homem da segunda fase da idade média queria saber de sua própria morte e buscava estar a par deste acontecimento de sua vida, pois somente ali ele chegaria ao ponto alto de sua individualidade. Acreditava-se que só assim ele seria dono de sua vida, “só era dono de sua vida na medida em que era dono de sua morte” (1977, p. 140).

Através da morte, o homem sujeita-se à vontade da natureza, o homem simplesmente aceitava mais esta passagem, das várias etapas da vida que temos que

passar. Freud sabiamente em seu texto “*Sobre a Transitoriedade*”, diz: “Uma flor que dura apenas uma noite, nem por isso nos parece menos bela”. (1916, p. 317). Hoje não somos capazes de enxergar a beleza que cada etapa da vida é capaz de nos mostrar. Para Airès, o homem da idade média nutria um amor pela vida que hoje nós não conseguimos compreender, e julga esta incompreensão talvez ao fato de que agora nossa vida tenha se prolongado com os avanços da medicina.

Anteriormente morria-se em casa, a morte era algo vivido pela família junto ao sujeito prestes a morrer, este era um acontecimento presenciado por crianças e adultos e não escondido ou negado. Antigamente o tabu era sobre o sexo e não sobre a morte, “antigamente dizia-se às crianças que se nascia dentro de um repolho, mas elas assistiam à grande cena das despedidas. (...) Hoje, são iniciadas desde a mais tenra idade na fisiologia do amor mas, quando não vêem mais o avô e se surpreendem, alguém lhes diz que ele repousa num belo jardim por entre as flores”. Ou seja, se antigamente nascíamos das sementinhas do papai e da mamãe, hoje, ao morremos, viramos adubo para um belo jardim de flores.

A morte era presente no passado e hoje é encarada como vergonhosa e digna de interdição, não se pode falar sobre a morte, sob o risco de atraí-la para você. É a partir do século XVIII que a relação do homem com a morte começa a mudar. Começa-se a temer a morte, mais inicialmente não a própria morte, e sim a morte do outro, a morte do objeto amado (AIREÈS, 1977). Freud diz que: “difícilmente o adulto civilizado sequer pode alimentar o pensamento da morte de outra pessoa, sem aparecer diante de seus próprios olhos empedernido ou malvado.” (1915, p. 299). Para Freud, esta atitude perante a morte é proporcionada pelo nosso colapso frente à morte e principalmente a morte de quem amamos (1915).

Até meados do século XVIII era importante que familiares e amigos estivessem presentes nos últimos estantes da vida de seu ente querido, afinal era esta a hora para pedir perdão e ser perdoado por aquele que lhes era amado. Estes ritos de passagem pela morte eram bem aceitos e encarados normalmente (AIRÈS, 1977). Até por que um dos motivos para o cumprimento dos ritos da morte era evitar que o morto voltasse para perturbar os vivos. Renato Mezan em seu texto “*Tempo de Muda*”, relembra a ideia do fantasma e o porquê do temor aos mortos, trabalhado por Freud em “*Totem e Tabu*”. Recorda que o fantasma é fruto da projeção da hostilidade do sujeito que fica vivo perante o morto. Em *Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte*, Freud afirma que ao entrar em contato com o cadáver do ser amado, o sujeito também entra em contato com os sentimentos de culpa por se perceber satisfeito pela morte do ente querido, não se dando conta só da tristeza que era só o que seria esperado sentir, com isso nascem os monstros a serem evitados, os fantasmas a serem temidos (1915). A partir daí surgem os nossos temidos fantasmas, mortos, porem eternos em sua imortalidade ameaçadora.

Chegamos então ao século XIX, tempo em que a morte já não é mais a morte familiar do passado, agora ela é motivo de vergonha, medo e tende a ser interdita. Para Freud essa tendência a retirar a morte de nossas vidas traz consigo diversas outras exclusões. O medo da morte que nos assombra frequentemente, para Freud, é também fruto do sentimento de culpa, pois inconscientemente pensamos e desejamos a morte (1915).

A partir deste século começa a se negar ao enfermo que ele saiba da gravidade de seu quadro e de seu prognóstico ruim. Freud afirma que o homem civilizado tem cautela em falar sobre a possibilidade da morte do sujeito, principalmente se este for capaz de ouvi-lo (1915). E boa parte disso se dá pelo fato da família querer poupar seu

ente querido dos horrores da morte e dos horrores de não ter mais seu objeto de amor próximo deles. A morte que passa a ser socialmente aceita é aquela que pode ser suportada pelos que permanecem vivos (AIREÈS, 1977, p. 55). Se antigamente a morte era familiar, hoje o simples fato de falar sobre ela provoca tensão e mal estar.

Começamos aqui com um segundo interdito, passamos a interdição ao luto e às manifestações de tristeza e pesar pela perda do nosso objeto de amor, perdido na falta constante que a morte representa. Passamos a evitar manifestações públicas de emoção, só se tem direito a sofrer se for às escondidas, em particular. Sobre isso discorreremos melhor mais a frente.

Luto: Rumo ao interdito.

“O luto compele o ego a desistir do objeto,
declarando-o morto e oferecendo ao ego
o incentivo de continuar a viver.”
Freud

Para Freud, o luto é uma reação à perda de um objeto de amor e que, apesar de acometer o vivente a um afastamento ao que é considerado “normal” em atitudes perante a vida, este é um processo absolutamente normal e que faz parte do processo que o ego precisa passar para posteriormente eleger um novo objeto de amor (1917).

Sendo assim, não é visto como patológico e nem digno a este processo de interdição que observamos na atualidade. Vale ressaltar que aqui estamos tratando do processo de luto normal que acometem sujeitos todos os dias por perdas constantes que experienciamos todos os dias. Sabe-se que há sim um processo patológico deste estado de recolhimento do ego perante a falta de seu objeto amado, que é conhecido por nós como melancolia, mas neste momento não trataremos deste processo.

Em um processo de luto dito normal, encontramos o respeito à realidade, entende-se que foi perdido um objeto de amor. E, apesar de um grande gasto de energia catexial, pouco a pouco a libido que anteriormente era investida neste objeto de amor é desligada dele, para que posteriormente ela possa voltar a se ligar a um outro novo objeto, e quando o trabalho do luto é finalmente concluído o ego fica livre outra vez (1917).

No entanto este não é um processo fácil e nem sequer rápido – pelo menos não tão rápido quanto o que é socialmente aceito nos dias de hoje – o processo de luto é lento e gradual. O sujeito passa por momentos de tristeza que não consegue nomear, uma angústia toma conta da vida do sujeito e este passa a estar momentaneamente sem graça e disforme. Freud observa que essa inibição, tristeza e diminuição de interesse pela vida é explicável pelo trabalho que o luto impõe ao ego (1917). E é esta tristeza e este tempo de reclusão social que a morte traz consigo que não é mais bem vista pela sociedade. Não se deixa de sofrer, mas sim de parecer.

No fim da idade média o luto tinha duas finalidades, a primeira era induzir a família do morto a manifestar uma dor que nem sempre sentia de verdade, mas que deveria demonstrar e se permitia um tempo de reclusão, porque era o que a sociedade da época exigia. Mas também permitia uma proteção ao sobrevivente que de fato estava sofrendo pela perda do objeto libidinal e que não estava pronto para assumir tão depressa seu lugar na vida social (Airès1977).

Com a chegada do século XIX, este luto respeitado e comedido perde espaço para as grandes demonstrações da perda. Temos demonstrações de tristezas que, segundo Airès, beiram à histeria (1977, p. 45). O que para ele também é justificável, pois é a partir deste século que os sobreviventes passam a não aceitar mais a morte do

outro como faziam anteriormente, já que tudo é transitório, a partir da perda de alguém amado é aterrorizante, pois com isso lembramo-nos também da nossa própria transitoriedade.

Mas com a chegada dos séculos XX e XXI esse processo de luto sofre novamente alterações. Se anteriormente toda a sociedade deveria ficar sabendo que uma determinada pessoa havia falecido, hoje a presença perturbadora da morte abalaria a vida feliz dos sobreviventes. A morte e o luto que anteriormente era um espetáculo público, que ninguém se esquivava, pelo contrário, ali se encontrava o que se buscava. Mas a necessidade de manter a felicidade plena quase como um dever social e evitar a tristeza, afasta a possibilidade de expressões de luto da sociedade. “Demonstrando algum sinal de tristeza, peca-se contra a felicidade” (AIRÈS 1977, p. 56). Não sendo assim apropriado demonstrar seu próprio sofrimento, muito menos demonstrar o que se sentia.

Em consequência, “o luto não é mais necessário e cujo respeito a sociedade impõe; tornou-se um estado mórbido que deve ser tratado, abreviado e apagado” (AIRÈS, 1977, p. 59). Indo ao encontro do que Freud nos ensina em seu texto, *Luto e Melancolia*, uma vez que ele afirma: “Também vale a pena notar que, embora o luto envolva graves afastamentos daquilo que constituiu a atitude normal para com a vida, jamais nos ocorre considerá-la como sendo uma condição patológica e submetê-lo a tratamento médico. Confiamos em que seja superado após certo lapso de tempo”. Ou seja, estamos indo contra o que Freud salientou anteriormente.

Contudo, esta interdição tem suas consequências, segundo Elizabeth Roudinesco, a partir da década de 50 os psicotrópicos mudam o cenário das doenças “psi”, agora temos um novo homem, que apesar de estar cansado por evitar seus

sentimentos e reprimir sua libido, pode viver “melhor” em sociedade, uma vez que tome sua pílula da felicidade (ROUDINESCO, 2000), mas, o peso da falta de espaço para essas manifestações ou de tempo para o trabalho de luto do ego é vista todos os dias em nossos consultórios, são pessoas que vêm até nós procurando espaço de fala, para aquilo que a sociedade cala.

O culto ao perfeito e a negação à finitude

“É do enalço deste para – além -, que não é nada,
que ele volta ao sentimento de um ser consciente de si,
que é apenas seu próprio reflexo no mundo das coisas.”
Lacan

Sempre foi do conhecimento de todos a busca pelos corpos perfeitos e vidas perfeitas, sem espaço para faltas, furos ou buracos para a obtenção da “felicidade plena”, busca essa que permeia todo o imaginário da sociedade. Para Lacan, “esta falta acha-se para além de tudo que possa apresentá-la” (1954, p. 281). O homem trabalha, estuda, tenta buscar hábitos físicos e alimentares melhores para uma melhor aparência e qualidade de vida.

Diversas pesquisas são realizadas visando aumentar a nossa expectativa de vida e prolongar a juventude, muito dinheiro é gasto nas indústrias de cosméticos e em cirurgias estéticas. A busca por tamponar a falta, que é constituinte do sujeito, através de novos bens, novos e vários companheiros, e a tentativa de ter o corpo perfeito no qual não haja espaço para “incompletude” ou o distanciamento do ideal imaginado. O desejo do sujeito é uma relação de ser com a falta e esta falta é a falta de ser (LACAN, 1954, p. 280), não somos os mais belos, nem os mais ricos ou os mais saudáveis, sempre há e haverá uma falta. Busca-se cada vez mais este ideal de eu, uma

perfeição que já foi vivida pelo sujeito em sua primeira infância, e que ao crescer se dá conta de que não é tão perfeito quanto julgava ser, e que assim ele busca voltar a encontrar.

“...ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a forma de um ego ideal” (FREUD, 1914)

Não sou contra toda essa busca pelo ideal de eu, muito pelo contrário, acredito que ela seja um grande motor do sujeito, algo que o impulsiona para frente, que o faz buscar alcançar cada vez mais coisas em sua vida.

Minha preocupação está no nível em que esta busca pode chegar, ou melhor, no quão distante este ideal se apresenta para o sujeito, causando-lhe demasiado sofrimento e angústia por não poder nunca alcançar este ideal impossível, e o que pode acabar paralisando o sujeito, impossibilitando-o de buscar e alcançar seus ideais possíveis.

Busca-se cada dia mais a perfeição, pois cada vez mais queremos ser amados, queremos suprir esta falta de amor que de alguma forma sentimos, e se não formos perfeitos para este outro, temos medo de perder seu amor (FREUD, 1930). Freud afirma que as mulheres buscam mais serem amadas do que amar, mas deixa claro que há homens que seguem esta mesma formação. Talvez seja essa uma das explicações desta busca pelo corpo perfeito e a recusa do passar dos anos em suas faces ou qualquer outra característica física que demonstre quão mais velha a mulher esteja. É de notório conhecimento que as mulheres são as maiores consumidoras desta indústria de promoção da beleza plena e eterna, claro que a busca masculina por tais produtos também é altíssima e aumenta a cada dia.

O que muitos não são capazes de ver é o que Freud salienta em seu texto sobre a transitoriedade, “a beleza da forma e face humana desaparece para sempre no decorrer de nossas próprias vidas; sua evanescência, porém, apenas lhes empresta renovado encanto”(1916, p. 317). Não somos capazes de observar que a simples beleza nas diferentes fazes da vida é que esta está sempre em constante transição.

Então, afinal, o que de fato estamos procurando tamponar? Qual é o furo que não suportamos admitir em nós mesmos? Por que a existência da falta é tão angustiante ao ponto de levar algumas pessoas a casos extremos para não senti-las ou para tamponá-las?

Essas são perguntas que já possuem respostas anteriores, mas que continuam altamente em voga e atuais. Não podemos aqui comprar o discurso do “queremos ter condições de vida melhores, queremos estar melhores com o nosso corpo”. A esses discursos, como bem nos lembra Lacan, e algo que Freud já havia também salientado, devemos ficar atentos às palavras por trás do discurso e o motivo pelo qual o sujeito resolveu usar este discurso e essas atitudes para externalizar seus desejos.

Freud afirma que: “O que ele projeta de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal” (FREUD, 1914). Esta é uma das respostas que Freud nos traz a esta questão, desta busca pela perfeição que o sujeito vivenciou na infância, porém, esta não é a única explicação para tal fenômeno. Há também o medo de perder o amor de seus objetos de amor, de perdê-los e, conseqüentemente, dos “riscos” que isto pode lhe trazer (FREUD, 1930)

Além da busca pelo eu ideal, o sujeito recusa-se a encarar sua finitude, e o medo da morte, também se faz como questão para este potencial aumento da busca pela perfeição e pela juventude “eterna”. A procura pela fonte da juventude e a busca da

fonte da vida eterna faz parte do imaginário humano desde os tempos primórdios. Lacan, em seu texto, *A Atopia de Eros: Agatão*, que faz parte do seminário 08, faz uma análise do texto “*O Banquete*” e demonstra que desde esta época a imortalidade, mesmo que de uma forma diferente, já permeava a imaginação dos homens, “o homem aspira destruir-se na própria medida que se eterniza” (1960, p. 106), pois era através da velhice que o sujeito tinha tempo para repassar suas experiências. Freud, em “*Sobre a Transitoriedade*”, afirma que “essa exigência de imortalidade, por ser tão obviamente um produto dos nossos desejos, não pode reivindicar seu direito à realidade”. Mas, será mesmo que ela já não está reivindicando?

Destaco o que Freud traz em seu estudo sobre a transitoriedade, sobre algo que só porque está fadado à finitude perderia sua beleza e encanto; não, ao revés, sua beleza também consiste nisso e em aproveitar cada momento que temos. É plenamente possível que esta frase do texto resuma bem o que acabo de descrever, “O valor da transitoriedade é o valor da escassez do tempo” (FREUD, 1916, p. 317).

Essa negação da ideia de que:

“A beleza da forma e da face humana desaparece para sempre no decorrer de nossas próprias vidas; sua evanescência, porém, apenas lhe empresta renovado encanto. Uma flor que dura apenas uma noite nem por isso nos parece menos bela” (FREUD, 1916)

Isso nos lembra o que já discutimos no capítulo referente ao narcisismo. Esta negação à finitude consciente e inconsciente, ao contrário do que muitos poderiam imaginar, ao invés de diminuir o sofrimento; apenas o disfarça. Negar, porém, não resolve. Não estamos vivendo em um momento onde todos estão felizes com seus corpos perfeitos e sua juventude prolongada, vivemos um mundo em que juntamente

com a indústria de cosméticos, crescem a passos largos as indústrias de medicamentos para problemas psicológicos (antidepressivos, ansiolíticos, entre outros).

Soa como uma incongruência este discurso do tudo absolutamente perfeito e não faltoso, mas, no entanto, o que vemos são pessoas cada dia mais solitárias nestas buscas incessantes pela completude, pois não há espaço para observar que a beleza da vida está em não sabermos quanto ainda nos resta dela. Então, porque não nos permitimos uma reconciliação com a morte e,consequentemente, com a vida?

Em seu livro, *Por que a Psicanálise*, Roudinesco debate diversas questões; entre elas, este uso desenfreado de medicamentos psiquiátricos. Ela diz: “fabricando um novo homem, polido e sem humor, esgotado pela evitação de suas paixões, envergonhado por não ser conforme ao seu ideal que lhe é proposto” (ROUDINESCO, 2000, p. 21).Este trecho vai ao encontro das ideias que estão aqui sendo expostas. Fabricam-se sujeitos que não precisam mais “pensar” em sua finitude ou incompletude, mas isso não quer dizer que cria-se sujeitos sem sofrimento. A sociedade continua impondo um ideal de completo bem estar e negação de tudo que traga desprazer, que sabemos não ser possível, e sendo assim o mal estar é cada vez mais constante e inevitável.

Freud, ainda em seu texto sobre a transitoriedade, afirma que esta recusa à beleza da transitoriedade traz consigo também a recusa da morte. Negamos a transitoriedade, pois ela nos faz dar conta da nossa própria transitoriedade e finitude. A ideia do fim desta beleza e da morte assombra o psiquismo dos sujeitos e por isso ele tenta manter isto longe de sua consciência. Tentamos manter longe da consciência tudo aquilo que gere um desconforto ou pareça ameaçador. Então, procuramos manter fora de nós esta ideia da morte.

Sendo assim, vive-se à procura da perfeição, da tamponação, da falta com vários e diferentes objetos; queremos o carro do ano, o corpo dos sonhos (a pergunta é, sonhos de quem?), os aparelhos eletrônicos mais modernos, o melhor emprego, a melhor aparência, a vida mais saudável e se possível infinita, de bem estar pleno, mas sabe-se que este bem estar pleno seria o nível zero de tensão, de um gozo absoluto que nada mais é que a morte (FREUD, 1920). Não se pode ir contra a busca por nenhum desses ideais, desde que o sujeito possa e consiga falar sobre ele, e quando se diz falar, quer-se dizer que consiga expressar o discurso por trás da palavra, como diria Lacan.

Temos medo da morte, do velho, do desconhecido. Buscamos o conforto, a ausência de sofrimento, o fim do desprazer. Estamos em busca do zero, da completude narcísica infantil, da tamponação real do que ficou de falta para o nosso aparelho psíquico. Só que toda essa busca incessante da tendência ao zero é a busca pelo gozo absoluto que, conforme vem sendo estudado e discutido, só seria alcançado de uma maneira; na morte, e desta, nenhum de nós quer saber.

Sobre a morte: Onde é permitido falar.

“No domínio da ficção, encontramos
a pluralidade de vidas que necessitamos”

Freud

Não se quer saber ou falar sobre a morte, pois temos medo de “trazê-la” para nossas vidas, mas ela faz parte de nós e busca espaço para ser dita e discutida, encontrando seu espaço então nas artes. Procuramos na ficção, na literatura, no teatro e em letras de músicas, compreender e dar espaço para o que se perdeu na vida (FREUD, 1915).

Na mitologia grega a morte é personificada por Thanatos, que é irmão gêmeo de Hipnos, o deus do sono, geralmente sendo representados lado a lado. Nos contos de fada, Thanatos e Hipnos caminham lado a lado também, nas fábulas da *Branca de Neve* e *A bela Adormecida* as princesas são dadas como mortas, mas na verdade estão em um sono encantado e eterno, mas que não é a morte.

Na estória da *Branca de Neve* ainda temos também a questão da beleza e juventude, que já abordamos anteriormente. Sabemos que a beleza de Branca de Neve é o que desperta a inveja da madrasta, que na verdade é uma bruxa e que busca a beleza e juventude eterna. Não se pode esquecer que a beleza de Branca de Neve floresce na mesma proporção em que a de sua madrasta perde o viço (CORSO e CORSO, 2006).

Uma semelhança entre essas duas estórias é o fato de que são duas belas jovens que estão “desabrochando” para a vida e que são acometidas pelo sono da morte no auge de suas belezas, porém elas são acordadas de seu sono e voltam à vida ainda com a beleza de suas juventudes, mesmo que um certo período de tempo – no caso da Bela Adormecida – tenha se passado muito tempo. Como nos lembra Philippe Airès, na época romântica descobriu-se que a morte impõe uma certa beleza ao rosto humano, beleza esta que é exaltada nessas estórias infantis, de tão belas em seu sono da morte elas conquistam seu príncipe encantado. Na história cristã, esta ideia da morte como uma espécie de sono, e que na época do juízo final aqueles que não pecaram durante a vida mundana serão despertados para a vida eterna. Essas são histórias que nos são contadas desde a nossa infância e que são mundialmente conhecidas.

Na literatura a morte, a finitude e o medo da transitoriedade têm a liberdade de serem abordadas, faladas, pensadas e dialogadas. Afinal, não somos nós que estamos falando ou pensando sobre isso e sim o autor, o eu lírico, estamos assegurados pela

“licença poética” e ali sim é permitido morrer, matar, viver eternamente e ter uma beleza eterna. “No domínio da ficção, encontramos a pluralidade de vidas que necessitamos. Morremos com o herói com o qual nos identificamos; contudo sobrevivemos a ele, e estamos prontos a morrer novamente, desde que com a mesma segurança, com outro herói” (FREUD, 1915, p. 301).

No texto, *Tempo de Muda*, de Renato Mezan, ele nos trás diversas outras obras criadas a partir da morte de objetos de amor, e que segundo ele, essas produções artísticas são impulsionadas por essas perdas.

Em sua obra, *Memória de Minhas Putas Tristes*, Gabriel García Márques trás à luz a discussão sobre a transitoriedade, o envelhecimento e a presença da finitude; misturada à presença da juventude de uma menina que só está disponível ao velho enquanto essa dorme. Ela pode ser encarada como a sua bela adormecida, que ele admira enquanto esta dorme. Ele, um senhor que ao completar 90 anos, começa a perceber a morte cada vez mais perto e resolve se permitir uma loucura. Loucura esta que é permitida quando se envelhece e a morte se aproxima, é o que vemos na obra, *O Rei Lear*, de Shakespeare.

O velho de García Márques, através de sua “loucura”, entra em contato com a juventude de sua bela adormecida e é contagiado pela sua juventude, mas não só. Ele é acometido pelo amor e pela certeza – após alguns desencontros – que sua amada também o ama, sentimento este que lhe trás de volta o vigor da vida. Freud nos fala que estar apaixonado nos leva a um fluir de libido do ego em direção ao objeto amado e que este fato ocorre em virtude de realizações inconscientes das nossas condições para amar(1914 a, p.107). E que o simples fato deste sentimento ser recíproco já aumenta a

auto estima do sujeito. E é o que vemos acontecer com o senhor de 90 anos no livro de Garcia Márques.

Poderíamos aqui exemplificar diferentes livros, textos, artigos, músicas e peças teatrais que falam sobre a morte, a transitoriedade e o amor. São inúmeros os exemplos que poderíamos usar para esta discussão pois, é na arte que nos permitimos entrar em contato com o que retiramos da vida.

CONCLUSÃO

Hoje vemos batalhões de pessoas que se sentem obrigadas a sorrir, a serem felizes durante vinte e quatro horas ao dia, trezentos e sessenta e cinco dias ao ano. São pessoas que vivem sobre a ditadura da beleza e da longevidade, mas que não são capazes de apreciar pequenas belezas pelo simples fato delas passarem rápido demais ou pelo fato de que, com o passar do tempo, perderem formas que julgavam ser belas. É tempo de propor uma maior reflexão sobre o que de fato é belo, belo aos olhos de quem? Afinal, a beleza está nos olhos de quem vê!

A perda de um objeto de amor, a ruptura de um laço afetivo, seja com o outro, com um tempo ou de uma parte do corpo, dói, desorganiza e tem seu período de desprazer. Segundo Nasio, assim como para Freud e Lacan, este processo é importante, pois a dor pela ruptura abrupta de um laço amoroso está a um paço da loucura, a dor funcionaria como uma defesa do ego possibilitando assim, posteriormente, uma reorganização do sujeito. Nasio preleciona:

“A dor é um afeto, o derradeiro afeto, a última muralha antes da loucura e da morte. Ela é como que um estremecimento final que comprova a vida e o nosso poder de nos recuperarmos.”(NASIO, 1997, p. 19)

Sendo assim, é possível observar que períodos de dor e desprazer fazem parte da vida e são necessários para a construção e manutenção do ego. É importante que haja este tempo de luto após a perda, e não que ele seja negado, esquecido ou apenas tamponado com medicamentos, novos equipamentos ou com uma falsa máscara de felicidade plena.

Mas somos “obrigados” a ver sob a ótica do que é socialmente aceito, e o que está em voga no momento é a felicidade e a perfeição. Merecemos ser felizes, isto sim, só não temos a obrigação de sê-lo sempre. Vivemos nessa sociedade que tudo pode e que tudo tem, mas que na verdade falta, e é por isso que se perpetua nessa incessante busca pelo mais e mais.

É imprescindível que pensemos mais sobre isso. Que possamos dar à morte, ao tempo, ao luto e à transitoriedade seu espaço, que possamos devolver seus espaços em nossas vidas. Tamponamos nossas faltas com tantos artifícios e medicamentos, mas cada dia mais vivenciamos uma sociedade que adoece de depressão e tantos outros problemas “psi”, por pura falta de espaço à fala, ao diálogo e à escuta.

Nós, enquanto ouvintes desses problemas “psi”, devemos dar espaço a esta discussão e não apenas nos juntarmos ao silêncio socialmente aceito. Podemos, verdadeiramente, encontrar um equilíbrio entre essa felicidade mágica exigida de nós, e por nós mesmos, e nos reconciliarmos com nossos lutos, nossas emoções e sentimentos. Não sem esforço, sem dispêndio de energia e trabalho para investir e desinvestir nossa libido de objetos vários de amor.

Não se pode negar que nossa atitude frente à morte e à transitoriedade sofreu mudanças no decorrer dos séculos. Que elas continuem em transição, afinal, como bem nos lembra Freud : *Si vis vitam, para mortem*. Se queres suportar a vida, prepara-te para

a morte (1915, p. 309). Morremos pouco a pouco, dia após dia, e isso não diminui a beleza ou a importância da vida.

REFERÊNCIAS

AIRÈS, P. *História da morte no ocidente. Da idade média aos nossos dias*. Livraria Francisco Alves Editora S.A., Rio de Janeiro, 1977.

CORSO, D e CORSO, M. *Fadas no divã. Psicanálise nas histórias infantis*. Editora: Artmed, Porto Alegre, 2006

FREUD, S. *Além do princípio do prazer . Obras completas, Vol. XVIII, 1920-1922*. Edição Standard Brasileira. Editora Imago, Rio de Janeiro, 2006.

_____. *Luto e Melancolia. Obras completas, Vol. XIV, 1914-1916*. Edição Standard Brasileira. Editora Imago, Rio de Janeiro, 2006.

_____. *O mal estar na Civilização. Obras completas, Vol. XXI, 1927-1930*. Edição Standard Brasileira. Editora Imago, Rio de Janeiro, 2006.

_____. *Reflexões para os tempos de guerra e morte. Obras completas, Vol. XIV, 1914-1916*. Edição Standard Brasileira. Editora Imago, Rio de Janeiro, 2006.

_____. *Sobre o narcisismo: uma introdução. Obras completas (1914a), Vol. XIV, 1914-1916*. Edição Standard Brasileira. Editora Imago, Rio de Janeiro, 2006.

_____. *Sobre a transitoriedade. Obras completas, Vol. XIV, 1914-1916.* Edição Standard Brasileira. Editora Imago, Rio de Janeiro, 2006.

_____. *Totem e Tabu. Obras completas, Vol. XIII, 1913-1914.* Edição Standard Brasileira. Editora Imago, Rio de Janeiro, 2006.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. *Memória das minhas putas tristes*. Editora Record LTDA, Rio de Janeiro, 2010.

LACAN, J. (1953-54) *A palavra na transferência. Em Os escritos técnicos de Freud, livro I.* Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1983.

_____. (1960-61) *a transferência. Em: O seminário, Livro 8.* Edição Standard Brasileira. Editora Imago, Rio de Janeiro, 2006.

_____. (1954-55) *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Em: O seminário, Livro 2.* Edição Standard Brasileira. Editora Imago, Rio de Janeiro, 2006.

MEZAN, R. *Tempo de muda.* Editora Companhia das Letras, São Paulo, 1998

NASIO, J. –D. *O livro da dor e do amor.* Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1997.

ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?.* Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2000.